

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO



POESIE

Edizione critica
a cura di
Fernanda Toriello



LUSITÂNIA

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO



POESIE

Edizione critica
a cura di
Fernanda Toriello



LUSITÂNIA





Lusitania, A.C.
piazza G. Garibaldi 8-9
70122 Bari
Copyright © 2021

www.centrolusitania.eu
centro.lusitania@gmail.com

ISBN 978-88-942733-8-0

Direttore Responsabile Fernanda Toriello

In copertina: Igor Mitoraj, *Icaro caduto* (Siracusa, Valle dei Templi).

Opera pubblicata nel 2021 con fondi Camões, I.P.



Fernanda Toriello, già Cattedratica di Letteratura portoghese e brasiliana dell'Università di Bari, dirige la *Cátedra David Mourão-Ferreira* del Camões I.P. e presiede il *Centro Studi Lusitania* di Bari. In ambito filologico, ha curato edizioni critiche della Lirica galego-portoghese, della *História Trágico-Marítima* e del Modernismo Portoghese. Di Mário de Sá-Carneiro ha pubblicato inediti, corrispondenza e la prima edizione critica (1992) delle *Poesie* con la relativa *Concordanza*.

Comitato Scientifico

Ana Paula Laborinho
Lisboa

Eduardo Lourenço †
Lisboa

Aparecida Ribeiro
Coimbra

Fernanda Toriello
Bari

PARTE 2ª

PARTE 2^a - APPENDICE

LA RECENSIONE
DI MARIA ALIETE GALHOZ

EDIÇÃO CRÍTICA

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

POESIE

Edizione critica

a cura di Fernanda Toriello

Bari, Adriatica Editrici /1992

FERNANDA TORIELLO

CONCORDANZA DELLE POESIE

DI MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

[Aparato informático:

disquette 0 + cinco disquettes]

Bari, Adriatica Editrici /1992

A edição que ora recenseamos tem de ser saudada como um acontecimento fulcral na trajectória editorial da poesia de Mário de Sá-Carneiro. Começa porque é a primeira edição crítica que da sua poesia se faz, relevante serviço e extremamente necessário, tanto mais tratando-se de um poeta cimeiro do Primeiro Modernismo português e apresentando «um alto grau de inovações formais» (p. 9), obviamente de referência para o estudo do «repertório» linguístico do grupo de *Orphen*.

As duas partes do projecto, que se indicia em cima no que se refere a de Sá-Carneiro, tiveram como objectivo inicial só a segunda, a de «submeter a tratamento electrónico a poesia do modernismo

português» (p. 9), numa forma exaustiva do estudo das «concordâncias», como se vê pelo sumário do fundo de dados fornecido nas *disquettes*. Naturalmente que para tal investimento de trabalho era ponto de princípio «a exigência de [se] dispor de textos graficamente coerentes e filologicamente correctos» (p. 9).

Claro que não se dispunha, só há muito pouco tempo (menos de uma década) começando a perfilar-se programas de edições críticas de textos modernos em Portugal, de edições de base suficientes e satisfatórias para preencherem um tal *desideratum* e para nenhum dos autores do grupo de *Orpheu*. Assim, partindo do exame das *Poesias* da editorial Ática, tendo «em consideração», e louvavelmente, «o [seu] papel na divulgação da obra de Sá-Carneiro» (p. 9), Fernanda Toriello foi levada a «proceder a uma revisão crítica das poesias» não só da «usura» trazida pelas sucessivas reedições (diluição da pontuação, queda em variantes fantasmas) como também do controlo filológico da fidelidade e responsabilidade ecdótica da primeira edição lançada por esta editora — a Ática — e que se tornou para a obra de Mário de Sá-Carneiro, tal como para a obra de Fernando Pessoa, o texto *vulgata* que desde os anos 40 (para o volume das *Poesias*, 1946), até aos nossos dias, circulou. Editora culturalmente pioneira, o que actualmente é possível (e dever nosso fazê-lo!) de *melhor* entendimento de leituras de textos, acesso a quase todas as fontes para cotejo e estabelecimento textual com a mão do autor, outros meios operacionais mais seguros, não invalidam o reconhecimento do que foram as suas edições, de que todos sabemos que auferimos.

O trabalho levado a cabo por Fernanda Toriello tem essa tónica, e o quadro documental em que se moveu é uma achega rigorosa e clara que determina a autoridade do texto poemático de Mário de Sá-Carneiro que nos apresenta e do quadro de «variantes do autor» e da «variação» na tradição póstumas impressas que nos é dado no riquíssimo *Apparato e Note* (p. 127 a 217). Na *Indícula Bibliográfica*, convencionando as siglas, é-nos dado um leque quase exaustivo das fontes e locais ou reimpressões fac-similadas¹ onde estão, ou surgem, ou se reproduzem, os testemunhos da obra poética madura de Mário de Sá-Carneiro (a única, nesta edição, levada em conta, de acordo, aliás, com a vontade expressa por Sá-Carneiro a Fernando Pessoa nas suas cartas mais proximamente antecedentes ao suicídio). Assim, o volume interessando o Modernismo, e defendido no critério editorial, apresentado por Fernanda Toriello, inclui só a poesia de 1913 a 1916: *Dispersão Indícios de Ouro*, [«Os Últimos Poemas»], e o polemizado «Manucure» de *Orpheu*².

A fixação do texto inclui algumas mudanças correctivas maduramente reflectidas, de acordo com as fontes de autoridade, os

manuscritos do próprio Mário de Sá-Carneiro ou publicação por ele vigiada. Perfeitamente coerente o isolamento da «Epígrafe» a *Indícios de Ouro* (cf. p. 19) e o respeito, *como poema uno*, ao texto de «Manucure», incorrectamente confundido em Ática com dois poemas (cf. *Orpheu* 2 e Fernanda Toriello, p. 217). Algumas outras rectificações parecem-nos do mesmo estudo reflectido das fontes de autoridade, mas não fizemos o seu cotejo exaustivo, que saía do âmbito de uma apresentação³.

Outro ponto a reparar é a actualização da ortografia, que Fernanda Toriello refere ponderadamente nos Critérios (p. 19), de que dá as mínimas variações e esclarecimentos no Aparato e Notas. Necessária opção, tomada sempre por Mário de Sá-Carneiro e aceite, nessa linha, por Fernando Pessoa (cf. F. Toriello, p. 157 e p. 26, nota 20). Tal opção é, aliás, a única viável, como regra genérica, Sá-Carneiro sendo sujeito, na sua escrita correntia, a frequentes confusões e erros ao grafar as palavras — talvez fenómeno de dislexia, dado que possuía um léxico riquíssimo vindo também de muita leitura? (Cf., no Aparato, o grafar de Sá-Carneiro em certas palavras do Caderno de *Indícios de Ouro*, por exemplo.)

A edição é cuidadosa e o texto propriamente ainda mais cuidado — empastou, contudo, em uma oitava falsa, inadvertida impressão, as duas quadras de «Partida», constituindo os vv. 25 a 32. Há uma carta de 1913 grafada 1916 (p. 146), uma gralha «britais» por «brutais» (no aparato de «Cinco Horas», não no texto!) — nada, afinal, num trabalho tão moroso, exaustivo e meticuloso.

A bateria informática serve notavelmente trabalhos de pesquisa universitária ou especializada, mas o leitor comum pode, informadamente, usufruir da só edição em livro.

Serviço precioso prestado à cultura portuguesa e à comunidade científica lusitanista ou comparativista, nas áreas da crítica textual, da linguística, da estética, é o reconhecimento que este bloco (livro + jogo informático) da *Poesia* fulcral de Mário de Sá-Carneiro levado a abo por Fernanda Toriello (livro) e por ela orientado, seguido e participado (conjunto das *disquettes*), nos leva a agradecer e louvar.

Maria Aliete Galboz

«Colóquio/Letras» (nº 129-130, Jul.-Dez. 1993, pp. 255-257)

DAVID MOURÃO-FERREIRA

ÍCARO E DÉDALO: MARIO DE SÁ CARNEIRO E FERNANDO PESSOA

A Natália Correia.

É dos episódios mais comovedores de toda a nossa história literária a alta e límpida amizade — «a onda viril / de fraterno afecto», como diria Manuel Bandeira — em que Sá-Carneiro e Fernando Pessoa inalteravelmente comungaram. Num poema, inédito até há meia dúzia de anos, e escrito quase vinte depois da morte de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, com a rara emoção daqueles momentos em que punha de facto a emoção, rememorava: «Como éramos só um, falando! Nós / éramos como um diálogo numa alma». E são bem conhecidas as palavras em prosa que a Sá-Carneiro consagrou, no segundo número da *Atena*, em 1924: «Morre jovem o que os deuses amam, é um preceito da sabedoria antiga (...) Génio da arte, não teve Sá-Carneiro nem alegria nem felicidade nesta vida. Só a arte, que fez ou que sentiu, por instantes o turbou de consolação. São assim os que os Deuses fadaram seus». Por outro lado, a publicação, em 1958, graças aos cuidados de Helena Cidade Moura, das *Cartas a Fernando Pessoa*, dentro das Obras Completas de Mário de Sá-Carneiro, veio de modo mais claro patentear o que de há muito se pressentia: a existência de uma situação de quase discipulato, da parte do autor de *A Confissão de Lúcio*, e, não obstante a fraterna amizade, a tácita mas incessante propensão para reconhecer, em Fernando Pessoa, mais do que *um* mestre — «o mestre».

Profundo magistério exerceu-o, sem dúvida, Pessoa em relação aos demais componentes do grupo e a não poucos elementos da geração seguinte; mas a ninguém se devotou, tão «de dentro», ou de modo tão «paternal», quanto a Mário de Sá-Carneiro, que era, no

entanto, apenas dois anos mais novo do que ele. Se não fosse Fernando Pessoa, com o seu encorajamento, com a resposta amiga, rápida, imediata, àquelas cartas febris do começo de Maio de 1913, em que Sá-Carneiro lhe comunicava o inesperado surgimento de criação poética em verso (até então julgara-se apenas prosador) e lhe enviava poesias, e pedia conselhos, e submetia planos — sem esse constante encorajamento, repito, talvez não tivesse chegado a haver a *Dispersão* nem os *Indícios de Oiro* de Mário de Sá-Carneiro. Basta reler essas cartas de Paris para claramente nos apercebermos como ele se sentia, ao mesmo tempo, tão inseguro e tão ávido de segurança, tão inquieto e tão fragilmente suspenso do que Pessoa lhe dissesse: eram asas novas que ensaiava sobre os ombros; só a opinião do amigo distante — «il miglior fabbro» — poderia decidi-lo ao voo. Bem pode, por isso mesmo, em todo o voo de Mário de Sá-Carneiro descortinar-se a presença tutelar de Fernando Pessoa — a ponto de tornar-se irresistível, em semelhante circunstância, o confronto com a mítica viagem de Dédalo e de Ícaro. E não falta sequer o pormenor da queda prematura do segundo herói.

Sob a torrente impetuosa de toda a existência de Sá-Carneiro, de toda a sua obra, ondula, com efeito, a figura arquetípica de Ícaro: «Passei pela minha vida / Um astro doido a sonhar. / Na ânsia de ultrapassar / Nem dei pela minha vida». Pertencem estes versos ao poema *Dispersão*, ao primeiro dos poemas que escreveu naquele dia 1 de Maio de 1913 — que, por acaso, como o refere o próprio Sá-Carneiro, era Quinta-Feira... de Ascensão! Até parece, por vezes, que paganismo e cristianismo se perseguem, que ambas as mitologias se entrebuscam e encontram, em coincidências exteriores. Meramente exteriores, claro...

Mas o mais importante a observar é a persistência obsessiva de símbolos, de metáforas, de imagens, respeitantes à Água e ao Fogo — que são justamente os elementos essenciais do mito de Ícaro. Por outro lado, assinala-se continuamente a ânsia da Altura, a confusa memória de uma anterior levitação. Um dos poemas dos *Indícios de Oiro* — *Distante Melodia* — começa deste modo: «Num sonho de íris morto a oiro e brasa, / Vem-me lembranças doutro *Tempo azul* / Que me *oscilava* entre vénus de tule — / Um tempo esguio e leve, um *tempo-asa*»; e assim termina: «Zimbórios-panteons de nostalgia, / Catedrais de ser-Eu *por sobre o mar...* / Escadas de honra, escadas só, ao *ar...* / Novas Bizâncios-Alma, outras Turquias... // *Lembranças fluídas...* *Cinza* de brocado — / *Irrealidade anil* que em mim *ondeia ...* / Ao meu redor eu sou Rei *exilado*, / Vagabundo dum sonho de *sereia...*». De propósito sublinhei

certas palavras e expressões que mais nos fazem ver, em todo este poema, uma espécie de onírico relato do mito de Ícaro, de nostalgia pela viagem breve mas inteira, de inconsciente desejo de a repetir — de repetir, como realização suprema, a própria morte de Ícaro. E sempre, surda ou sibilante, ao longo da obra toda, a exclamação patética do *Quase*: «Um pouco mais de sol — eu era brasa, / Um pouco mais de azul — eu era além». Depois, o reconhecimento da frustração: «Para atingir, faltou-me um golpe de asa / Se ao menos eu permanecesse aquém...».

Mais tarde, a poesia de Mário de Sá-Carneiro orienta-se, predominantemente, como observou Urbano Tavares Rodrigues, «para uma segunda fase confessional e niilista, mais disposta à aceitação do banal, do concreto». É já o começo da «queda», a sensação da desistência» nos *Últimos Poemas*: «Desistamos. A nenhuma parte a minha ânsia me levará», conclui ele na poesia *Caranguejola* quando, poucos meses antes, numa das *Sete Canções de Declínio*, ainda afirmava: «Nada nos pode deter; / O nosso caminho é de Astro!». mesmo nos poemas derradeiros, o «complexo» de Ícaro continua a manifestar-se: «Que tudo em mim é fantasia alada » (*Crise Lamentável*); «O que farei na vida — o Emigrado / Astral...?» (*O Fantasma*); «p'ra medir minha zoina, aquém e além / Só mítica, de alada, esguia corça» (*El-Rei*).

Já então, na Europa, a psicologia analítica começava a divulgar isto mesmo: que a loucura se «mede» por míticos padrões. O de Sá-Carneiro tinha forçosamente de ser «alado». De qualquer forma, um voo de frustração, que já no *Quase* ficara definido: «Asa que se enlaçou mas não voou...». Por outras palavras: o mito de Ícaro.

*

Por seu turno, no universo poético de Fernando Pessoa, não fica deslocado, como estalão e como emblema, o vulto arquetípico de Dédalo. Irei mesmo ao ponto de sugerir que a imagem primigénia da sua poesia pode bem ser o Labirinto — e um labirinto de que ele próprio terá sido, a um tempo, Dédalo e Teseu, arquitecto e prisioneiro, acto e lugar do sacrifício e de onde todavia não haverá deixado de tentar a fuga... Mas não cedamos à tentação, aliciante sem dúvida, porém rudimentar, de fazer corresponder, a cada uma das figuras do Labirinto, os heterónimos de Pessoa. Esta imagem, repito, é a imagem primigénia, arquetípica, preexistente à própria obra, presente no entanto em toda ela.

Trata-se, aliás, de sugerir apenas (será preciso dizê-lo?) uma simples interpretação pessoal, uma entre muitas já realizadas e

muitas mais ainda possíveis. Agostinho da Silva escreveu, há meia dúzia de anos, um ensaio originalíssimo, inquietante, discutível, mas denso de ressonâncias, a que lapidarmente deu o título de *Um Fernando Pessoa*. É também «um» Fernando Pessoa — «outro», portanto —, embora incomparavelmente mais esquemático, o que pretendo bosquejar aqui. E já existem hoje «muitos» Fernando Pessoa, extremamente «diferentes» uns dos outros: assim, o de Agostinho da Silva nada tem a ver com o de Mário Sacramento; o de António Quadros está quase nos antípodas do de Casais Monteiro; o de Jorge de Sena em muito pouco se parece com o de Joel Serrão; o de Jacinto do Prado Coelho não é, evidentemente, o de João Gaspar Simões. De qualquer modo, todos eles constituem penhor e garantia da complexidade do próprio objecto.

Posto isto, retornemos a Dédalo. Recordemos que ele aparece, no quadro mitológico, como o inventor das artes, ou de algumas artes — arquitectura, escultura —, e, mais particularmente, esotérico experimentador de certas «artes ignotas» patrono, por isso mesmo, de ambíguas legiões em que a arte confina com a magia, com a alquimia. Facilmente concluímos, sob este aspecto, a sua possibilidade de existência virtual: no inconsciente de Fernando Pessoa. Tratar-se-á, em suma, de uma «imagem primitiva», que, através de outros ângulos, tentarei revelar. «A imagem primitiva, ou arquétipo», disse Jung (cujas concepções se encontram subjacentes à presente interpretação), «é uma figura, demónio, homem ou processo, que se repete no decurso da história aí onde a fantasia criadora se exerce livremente. Assim, ela é, em primeira linha, uma figura mitológica». Em semelhante perspectiva, a figura mitológica, primitiva, arquetipicamente definidora do universo íntimo de Fernando Pessoa, o «demónio» primordial que de longe o comanda, ou de perto o inspira, parece-me coincidir, na essência, com o vulto de Dédalo. Não que exista, necessariamente, na sua obra referência expressa a Dédalo. Melhor será que não exista: mais funda se confirmará, pelo silêncio, a sua presença inconsciente.

Basta verificarmos, por agora, que Fernando Pessoa, de vários modos, em diversos trechos, se reconhece como que teledirigido: «E eu sinto a minha vida de repente / Presa por uma corda de Inconsciente / A qualquer mão nocturna que me guia». Às vezes, liga-se a isto o sentimento de missão: «Emissário de um rei desconhecido / Eu cumprio informes instruções de além»; mais adiante, na mesma composição: «Não sei se existe o Rei que me mandou. / Minha missão será eu a esquecer». Noutras ocasiões, dá-se o enlace deste tema com o motivo da inspiração (o que constitui, aliás, um tópico antiquíssimo): «Não sou eu quem

descrevo. Eu sou a tela / E oculta mão colora alguém em mim»; e noutro poema: «Não meu, não meu é quanto escrevo. / A quem o devo? De quem sou o arauto nado?». Talvez pareça haver contradição entre passos como estes, tão frequentes, e outros, igualmente reiterados, em que Pessoa se manifesta senhor absoluto de quanto escreve e realiza («Guia-me a só razão. / Não me deram mais guia. / Alumia-me em vão? / Só ela me alumia»). São, no entanto, afirmações perfeitamente conciliáveis, porque formuladas a níveis de uma «ars poetica», em que razão e anti-razão se digladiam, a consciência e o inconsciente se entredevoram e aniquilam. Por outro lado, como observa Jung, no poeta de tipo «introvertido» (de que Pessoa é espécime acabado), a «concepção de liberdade total da criação» não passa, muitas vezes, de «uma ilusão da própria consciência: ele julga nadar, quando é uma corrente invisível que o arrasta». Nessa corrente invisível de Fernando Pessoa é que o arquétipo de Dédalo se perfila, refractado e distante. Mas nada nos autoriza, evidentemente, a identificá-lo com o «arauto», a «oculta mão», a «mão nocturna», o «rei desconhecido». Nem é disso que se trata. Na obsessiva repetição de certos temas, afins dos que aparecem, cristalizados, em torno da própria situação mítica, é que deve fixar-se o eixo da pesquisa.

Prossigamos, porém, com a referência ao mito: Dédalo, no labirinto que ele mesmo edificou, por ordem do rei Minos (a este encontra-se, aliás, directa alusão numa das odes de Ricardo Reis), sofre o exílio da pátria amada (Atenas, segundo a lenda). Já que a saída por terra e mar se lhe encontra vedada, Dédalo concebe e realiza, para si e para o filho (Ícaro), as asas que os hão-de libertar através do espaço. Já recordámos, no que respeita a Ícaro, o desfecho catastrófico da empresa: a imprudência de voar perto do Sol, a cera das asas derretida, a queda e a morte em pleno mar. E Dédalo? Dédalo acaba por acolher-se, *fatigado* (é justamente o adjectivo utilizado por Ovídio, no Livro VIII das *Metamorfoses*), ao litoral da Sicília («tellus Aetnae»). Quer isto dizer que o «exílio» prossegue, embora noutra terra – uma ilha também. Ora os temas do «cansaço» e do «exílio (bem como o da «insularidade») são dos mais persistentes na poesia de Fernando Pessoa; igualmente, o da «construção» e da «procura mágica»: é já um conjunto importante, comum também ao mito de Dédalo, e que inevitavelmente nos obriga a meditar.

Terá tido Fernando Pessoa conhecimento deste episódio epilodal do mito? O certo é que uma edição inglesa das *Metamorfoses* figurava na sua biblioteca; mas o episódio é também referido por Vergílio, no

Livro VI da *Eneida* (a descida aos Infernos) – e Vergílio constituía um ponto fundamental no programa de estudos que Fernando Pessoa seguiu em Durban. Isto, porém, é secundário, pois nada impede que se trate, simplesmente, e num plano particular, de uma daquelas «coincidências sincronísticas», a que Jung se refere e que são, como ele observa «a-causais». Mais importante será verificarmos como, no mito de Dédalo, se encontram reunidos os quatro elementos: a construção na Terra; o cerco da Água; a fuga pelo Ar; a iminência da catástrofe (em que Ícaro soçobra) provocada pelo Sol (o Fogo). A poesia de Fernando Pessoa, por seu turno, apresenta um larguíssimo elenco de imagens e de símbolos relativos ao Ar, à Água, à Terra, ao Fogo; e parece estar a exigir, por issomesmo, um estudo fenomenológico, empreendido em moldes semelhantes aos de Gaston Bachelard. Certo é, de qualquer modo, que António Quadros prepara justamente um trabalho sobre a poesia de Pessoa, em que pretende estabelecer a correlação entre os quatro heterónimos e os quatro elementos: e o facto revela, que mais não seja, a existência de materiais que justificam essa perspectiva.

Mas não é tudo. O exílio final de Dédalo prolonga-se, como vimos, na Sicília. A Sicília, como quadro idealizado, mítico portanto, encontra-se vinculado, desde o século III a. c., pelo menos, um dos géneros mais enigmáticos, e de mais larga fortuna, da poesia europeia: o bucólico. Ora o primeiro heterónimo de Pessoa (Alberto Caeiro), conforme suas próprias palavras, é «um poeta bucólico, de espécie complicada». Bem conhecido é o trecho da carta a Casais Monteiro, em que Fernando Pessoa, mais de vinte anos depois, relatou o sucesso: «Abri com um título, *O Guardador de Rebanhos*. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive». Um pouco antes, na mesma carta, dissera: «Escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim». Aproximemos agora estas palavras daquelas em que Jung define «o instante em que aparece a situação mitológica» e que «é sempre marcado por uma intensidade emocional particular: «Assim, não nos devemos espantar que no momento em que atingimos uma situação típica experimentemos bruscamente um sentimento de libertação muito especial, que nos sintamos como transportados, ou presos por uma espécie de poder sobreumano. Em tais momentos, já não somos seres particulares; somos a espécie, e em nós ressoa a voz da humanidade inteira». Nesse dia 8 de Março

de 1914, foi algo de semelhante o que se passou com Fernando Pessoa.

Com efeito, ele atingiu, naquele instante, uma situação eminentemente típica, porque vibrou, em uníssono, com uma ampla tradição cultural, no mais alto sentido, inserindo-se, sem talvez o saber por completo, numa das correntes europeias mais veneráveis, de poesia heteronímica e despersonalizante, de mítico «fingimento». Depois, surgiram os outros heterónimos. E não foi apenas Alberto Caeiro o «poeta bucólico, de espécie complicada» que ele a princípio desejara: toda a criação heteronímica de Pessoa veio marcada por idêntico signo. Já noutra lugar assinalámos, há mais de uma dúzia de anos, que a obra de Fernando Pessoa bem pode ser considerada, no seu aspecto global, com um novo e gigantesco tipo de égloga, em que os heterónimos e o próprio ortónimo mantêm perante o seu criador as mesmas relações paradoxais dos «pastores» perante o poeta bucólico: relações aparentemente contraditórias, autónomas ou desconexas — mas, afinal, e em última análise, definidoras, por um processo dialéctico, de uma cíclica e complexa unidade. Nesta perspectiva, será Fernando Pessoa, todo ele «um poeta bucólico, de espécie complicada» — e tão «complicada» que não era já de uma simples e entressonhada Sicília que se tratava (de uma Sicília à maneira de Teócrito), mas de outra, ainda mais mítica, e presidida pela sombra tutelar de Dédalo.

Talvez fosse inevitável que tudo isto se passasse com um poeta português. De entre todas as literaturas modernas, a nossa foi, sem dúvida, aquela em que mais persistentemente o bucolismo se manifestou e onde ele atingiu, por vezes, as expressões mais singulares, já no que respeita à elaboração de uma subtilíssima casuística sentimental, já no que se refere a uma embrionária, mas reiterada, atitude de «realismo crítico», já no que toca, finalmente, ao pretexto, em que amiúde consistiu, para a constante ressurreição do mito da Idade de Ouro. E em Fernando Pessoa estão bem patentes todos esses aspectos do nosso bucolismo: já António José Saraiva sublinhou, por exemplo, importantes afinidades entre Bernardim e o autor da *Chuva Oblíqua*; por seu turno, em Álvaro de Campos há uma permanente crítica do «real quotidiano» que muito o aproxima de certos pastores de Sá de Miranda e de Francisco Manuel de Melo: e, por fim, a nostalgia da Idade de Ouro, ligada, não raro, aos temas do «cansaço» e do «exílio», emerge, a cada passo, na poesia de Fernando Pessoa. Que é, em suma, a recorrente saudade da infância? Que é, por outro lado, o sonho do Quinto Império senão a sombra projectada, no plano da História, do mito da Idade de Ouro?

E aqui, também, não falta sequer a Fernando Pessoa, entre os bucolistas portugueses, um glorioso antepassado: Francisco Rodrigues Lobo, que foi o primeiro, se não erro, a transformar esse mito em tópico de significação histórica.

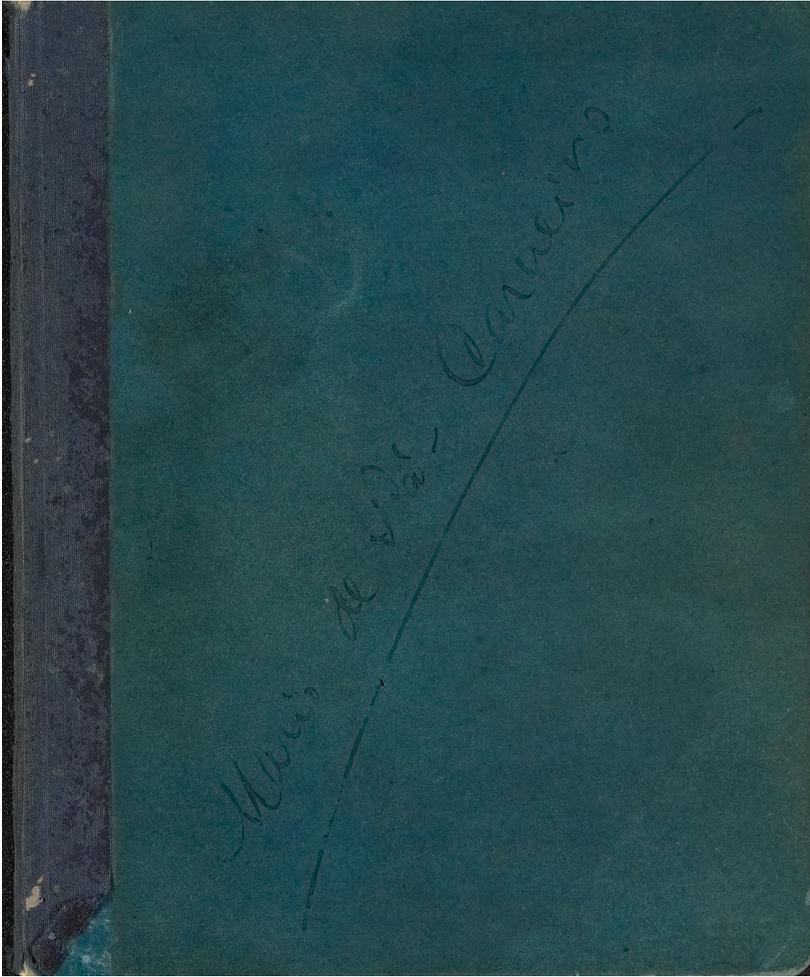
*

Será conveniente sublinhar que a presente «interpretação» constitui apenas o «ensaio» de um ensaio? Não há, jamais, uma única maneira de entender uma obra. Para além do significado imediato que ela propõe, para além da mais visível intenção do autor, há sempre um mundo de possibilidades, uma teia de nexos mais profundos, um ondulante substrato onde surdem e se desenham míticos perfis. Pelo obscuro enlace de alguns temas fundamentais, pareceu-me que a poesia de Mário de Sá-Carneiro poderia explicar-se, *em parte*, à luz (ou à sombra?) do «complexo de Ícaro», utilizando aliás esta expressão em sentido análogo ao de Gaston Bachelard, quando ele se refere, em *L'Eau et les Rêves*, a um «complexo de Caronte» ou a um «complexo de Ofélia». E igualmente me pareceu que a poesia de Fernando Pessoa manifestaria — *além do muito mais que manifesta* — uma compósita experiência, cristalizada, miticamente, em torno da figura de Dédalo, com os motivos adjacentes do labirinto e da ascensão, do exílio, do cansaço e da promessa da Idade de Ouro, do pastoralismo como refúgio, da fragmentação e da procura da unidade. Mas será preciso aguardar, tanto num caso como noutro, «provas» mais concludentes, ou menos precárias, que tão-só a análise poderá aduzir.

1963-1964.

in David Mourão-Ferreira, *Hospital das Letras*, 2ª edição, INCM, pp. 131-138.

CADERNO



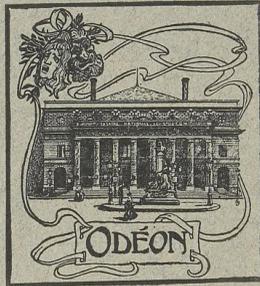
E. FLAMMARION & A. VAILLANT

22, Rue de Vaugirard, 22

et Galeries de l'Odéon

— PARIS —

050



"Epigrafe",

A sala do castelo é deserta e espelhada,

Teuho medo de Mim. Quem sou? Onde eoque?...
 Aqui, tudo já foi... E as sombras estilizadas,
 A cor morreu — e até o ar é uma ruína...
 Vem d' Outro tempo a luz que me ilumina —
 Um som opaco me dilui e eu hei...

~~~~~

1

- Nossa Senhora de Paris -

Ristas do son avançam para mim a fustigar-me  
Em luz.

Todo a vibrar, quero fugir... pude acatar-me?...  
Os braços numa cruz

Ansiava-te-me e eu fuji também ao luar...

Um cheiro a maresia

Vem-me refrescar,

Longínqua melodia

Toda saudosa a Mar...

Mirra e tamarindos

<sup>doiram</sup>  
~~Respiravam~~ a conjura;

Resvalam sonhos lívidos...

Mas o Gero não perdura

E a noite cresce agora a desabar catodrais...

Fico sepulto sob cinis,

Escuroço-me em delírio

Mas ressurjo d'Idéias...

Os meus belidos a escorarem-se...  
Altos e velozes...  
Orgulhosos... Batrelas...  
Retrai! Retrai!

Flores de Liz...

Manchas de cor a oporarem-se...  
As grandes uaves a sagrarem-se...  
— Nossa Senhora de Paris!...

Paris 1913 - junho 15

2.

## Palomé.

Incônia rixa. A luz a virgular-te em nobre,  
Luz morta de luar, mais Alva do que a lua...  
Ela dança, ela range. A carne, álcool de lua,  
Alastra pra mim num espasmo de legredo...

Tudo se aprieta ao seu rebór, em dobras fátuas...  
O arôma subdivideu, upor-se em evr, quebra...  
Teuho frio... Alakstro! A multasua parar...  
E o seu corpo revela a projeção estética...

Ela chamo-me em Iris. Vinter-se a perder-me,  
Polpa-me os seios nus, oco-me em quebra...  
Tumbres, elmo, fanchai... A doída quer morrer-me:

Chordura-se a chorar — ha expor no seu pranto...  
Orgo-me em tom, oculo, e parte e tou arde-me  
Na boca imperial que humanizou um canto...

Libra 1913, novembro 3

3.

## - Não -

Longes de aglomerarem  
Em torno aos meus sentidos,  
Os quais prezejo erguidos  
Paços reais de mistérios.

Cujo-me de cor,  
E parto a desmendar.  
Quêdo o' giro em meu rastro -  
Polvo de amor...

Adirinho acalastro...  
Desenho-me em luar...

Há-se ergue o castelo  
Quando ao modo  
Que eu tinha previsto:  
As portas abertas,  
Lacaios parados,  
As luzes, desertas -  
Janelas incertas,  
Torneios sepulcrosos...

Vitória! Vitória!  
Mistério e riqueza -  
E o medo e mistério !...

Os Paços reais encantados  
Dos meus sentidos dorados,  
Muita glória, muita beleza !

(Pé tubu quanti e' dorado  
Fosse sempre um cemiterio ?...)

Heraldo de Minas,  
Transporto Liturgias...

Arrojo-me a entrar  
Nos Paços que ateecei,  
Quero depor o Rei  
Para lá me coroar .

Ninguém me veja a entrada,  
Aguardo a Escadaria -  
Tudo e' sombria parada,  
Peleiras, luz fria...

Anira, a sala do trôno  
É cã rãxa aos meus passos.  
Ninho os degraus do trôno -  
É o trôno cã feito em pedagos...

Deixe a sala imperial,  
Corro nas galerias,  
Debruço-me às gelosias -  
Nenhuma deite pra jardins...

Os espelhos são cisternas -  
Os candelabros  
Estão todos quebrados...

Vagueio o Palácio inteiro,  
Chego ao fim dos salões...  
E enfim, encontro alguém!  
Encontro uma Rainha,  
Velha, entretadinha,  
A que vigia os Baços...

E acordo...

Choro por mim... Como fui louco...

Apinal  
Neste Passado Apial  
Que os meus sentidos esqueceram,  
Ai, as cores nunca viveram ...  
Morre-se uma raizinha,  
Entrevada, sequinha,  
Embora a guardem dragões ...

.....  
.....

- A Princesa velha é a minha Alma-exanguina...  
- O Paço Apial o meu gemio...  
- E os dragões são o meu sangue...

(Se a minha alma fosse uma Princesa seria  
a deitada e linda...)

Lisboa 1913 - Dezembro 14



4.

Esta voz na noite, ruivante...

Esquiva sortilégio o dessa voz, opitada  
Deu-lhe cor de amarelo, é, urite, de inventora,  
Que eu de outro não sei o budo - a voz de uma Princesa  
Bailando nua nua entre clarões, de Espada.

Leonina, da arremessa a carne arroxada;  
É bebada de si, arfante de Belexa,  
Agora o seis nus, descebe o sexo... Rexa  
A espasmo que a estrelinha em flama copulada...

Quanto nunca a si mesmo em nua. Sómente  
A sua voz a futora ao meu lembrar-me. Assim  
Não lhe desejo a carne - a carne inexistente...

É lo de voz-em-eio a bailadeira astral -  
É nessa voz-estátua, ab! nessa voz-total,  
É que eu deixo escrever-me em n'eu de morfin...

Lisboa 1914 - Janeiro 31.

5.

7

Eu não sou eu nem sou o outro,  
Sou qualquer coisa de intermédio:  
Pilar da ponte de te'dio  
que vai de mim para o outro.

Lisboa, fevereiro de 1914.

6.

16.

Esta incôstancia de mim proprio em vibrações  
É que me ha de ~~transportar~~ às zonas intermédias,  
E seguirei entre cristais de inquietação,  
A retinir, a ondular... Voltas as redes,  
Meus sonhos, léos de fogo e pasmos bornados a terra  
A torre d'ouro que era o carro da minha Alma,  
Transvirão pelo deserto, moribundos de Luar —  
E eu só me lembrarei num taboão de palme...  
Os oasis depois hão de se abismar quinas,  
A atmosfera ha de ser outra, noites planas;  
As rãs hão de evapar-me em rocos tons humanos  
Voluntando a minha carne que coaravam entre estremos...

x

Ha sempre um grande Arco ao fundo do meus olhos...  
A cada passo a minha alma é outra cruz,  
E o meu coração gira: é uma roda de cores...  
Hão sei avide ver, nem vejo o que penso...

Daí não é o meu rastro o rastro do ar que ainda se põe...  
Resvala em fontes de gelatina e de Lulões...  
- Hoje a eu para mim é sempre meia - eu...

As casas do Café envidoeiram pites, Ar...  
Caia - me agora em traço... Olha lá vai o avulso,  
Vertido de Ceraca, um salve, do Vice - Rei...

Palho por mim acima como por uma escada de corô,  
E a nu'ha Rusia é um trapéio escamalha ôj...

Lithva, maio de 1914

7.

= Apoteose =

Mestros quebrados, ungro num mar d'buco  
Dormindo fogo, incerto, longamente...  
Tudo se me equalou num sombo pente,  
E em metade de mim hoje to' mo'ro...

Pão fristeras de bronze as que ainda choro —  
Pilhas murtas, marmores as poente...  
Lagaram-se-me as nuvias brancamente  
Por claustros falsos onde nunca é ro...

Desci de mim. Sobrei o manto d'Astro,  
Anelrei a taça de cristal em esparto,  
Tálhei em souleira o bivo do meu rastre...

Fudei... Horas-plateia... Alor-brocado...  
Luar-auria... Fur-perda... Orquideas-prante...

.....

— O' pantano de mim — jardim estagado...

Paris 1914 - junho 28



8.

## Distante melodia...

Vem sonho d' Iris, morto a ouro e brasa,  
Vem-me lembranças d' outro Tempo asuf  
Que me orçelara entre veis de tulle —  
Um tempo esguio e leve, um tempo — Ava.

Então os meus cantos eram cões,  
Nasciam num jardim as minhas Ansias,  
Havia na minha Alma outras distancias —  
Distancias que o segui-los era flôres ...

Caia luno se pensava Estrelas,  
A luar latia sobre o meu alhear-me ...  
— noites-lagôas, como s'reis belas  
Por terraço-tiz de recordar-me !...

Idade acorde d' Luter-embro e Luar,  
Onde as horas corriam sempre jáde,  
Onde a neblina era uma saudade,  
E a luz — de hoche de Princesa nuqui

Balaustras de toum, arcos de Amur,  
Pontes de brilho, ogivas de perfume...  
Dominio inexpressivel d'Opio e Lucre  
Que nunca mais, em cor, he de habitar...

Tapetes d'outras Persias mais Oriente,  
Cortinados de Chineses mais Marfim,  
Nunes Templos de ritos de setim,  
Fontes correndo sombra, mansamente...

Linhonios-pantheons de nostalgias,  
Catedrais de Vin-Cu por sobre o mar...  
Escadas de honra, escadas so', as arcos...  
Novas Byzancios - Almas, outras Turquias...

Reminiscencias fluidas... cura de trocados...  
Irrealidade anil que em mim oudeia...  
— Ao meu redor eu sou Rei exilado,  
Vagabundo dum sonho de serena...

Paris 1914 — Junho 30.

9.

- Sugestão -

As companheiras que não tive,  
Pinto-as chorar por mim, veladas,  
Ao pôr do sol, pelos jardins...  
era sua mágoa azul revê  
A minha dor de mãos fincadas  
Sobre relins...

Paris - Agosto de 1914.

10.

- Tati-torno -

Ha oiro marchetado em mim, a pedras raras,  
Oiro pinistro em sons de bronzes no divais -  
Fria profunda a minha alma a luzes caras,  
Ciboris triangular de rito infernais.

No meu mundo interior cerraram-se armaduras,  
Capacetes de ferro esmagaram Princesas.  
Toda uma estirpe real de heróis d'outro trovares  
Em Mim se despojou dos seus traços e presas.

Heraldicas-luar sobre impeto de rubro,  
Humilhações a diz, desforços de brocado;  
Barilicas de tedio, armaras de enxada do,  
Insignias de Jesusão, troféus de jaspé e britânico.

A fonte levadiça e baça de ten-ter-sido  
Inferniça - embalde a tentação dezer...  
Sobre fono de Vago, ameis de inde-querer -  
Manhãs de armas acida em arraias de olido.



Percorro-me em valões, sem janelas nem portas,  
Longas salas de trôno a espessas densidades,  
bnde os pães de Arrás são esgarçadas scuidades,  
ô o divino, em redor, ansias lassoas, abortes...

Ha róxos fins d' Imperio em meu renunciar -  
Caprichos de setim do meu desdem Astral...  
Ha exéquias de herois na minha oôr fenda al-  
ô o meus remorsos são terraços sãe o Uer...

Paris - Agosto de 1914.

11.

## - O Resgate -

A ultima ilusão foi partir os espelhos -  
E nas salas ducaes, os frisos de esculpturas  
desfizeram-se em pó... Todas as bordaduras  
caíram de repente aos reposteiros velhos.

Alémto, parei na grande escadaria  
olhando as destruidas, imperiais riquezas...  
Dos lustres de cristal - as velas d'ouro, acesas,  
quebravam-se também sobre a tapeçaria...

Rasgavam-se setins, abatiam-se escudos;  
Estalavam de cór os grifos dos ornatos.  
Pelas molduras d'hora, os tendeiros retratos  
lumiam-se de medo, a roçar veludos...

Doído! Trazer ali os meus vestidos crispados!...  
Tectos e frescos, pouco a pouco, emnegreciam;  
Pães de Ariás do que não - Fui emurcheciam -  
Velavam-se brações, subitamente errados...

Então, eu mesmo fui trancar todas as portas;  
Fechi-me a Bronze eterno em meus salões ruídos...  
— Se arranco o meu despeito entre vidros partidos,  
Estilisei em Mim as Ouraduras mortas!

Cauarate - Quinta de Vitória  
Outubro 1914.

12.

- Vislumbre -

A horas flébeis, outonais -  
Por magoados fins de dia -  
A minha Alma é agua fria  
Em anforas d'ouro... entre cristais...

Caruarato - Quinta da Vitória  
Outubro 1914.



13.

- Bárbaro. -

Enroscau-se-lhe as tronco as serpentes douradas  
Que, Cesar, mandei vir dos meus viveiros d'África.  
Ulima a luxuria a nuca - Palome' asiática...  
Em veta, carne a arder - virgens expliciadas...

Mitrado d'ouro e Lua, em meu trono de esfinges -  
Dentes rangendo, olhar d'insónia e maldição -  
Os teus coceios vis, nas infamias que finges,  
Alastram-se-me em fetore e em garros de leão.

Sibilam os reptis... Dojas-te de joelhos...  
Sangue te escorre já da boca profanada...  
Como bailas o vicio, o torpe, o debochada -  
Gensos sabibats de cio teus freneais vermelhos...

Mas ergues-te num espasmo - e ás serpentes domas  
Dando-lhes a hincar teu sexo nu, aberto...  
As tranças desprendeste... O teu cabelo, incerto,  
Inflama agora um halo a crispação e aronias...

Eu liado uaido andar as mirras consagradas:  
É ar apodreceu da tua perversão ...  
Tenho modo de ti num catafriso de espadas -  
A minha carne tã a a bruras de privas ...

Arqueia-me o delirio - e sufoco, estracejo ...  
A luz enrigeceu xebrada em planos d'aco ...  
A sangue, se virgula e se desdobra o espaço ...  
Tudo é loucura já quanto em redor alvejo ! ...

Traço o manto e, num salto, entre uma luz que costa,  
Cai sobre a maldita ... apunha-lo-a em estertor ...

.....  
.....  
- Não sei quem tenho aos pés: se a dançarina morta,  
ou a minh' Alma só, que me explodiu de cor ...

Camarat - Curitiba da Vitória,  
outubro 1914.

14.

- Angulo -

Aonde irei neste sem-fim perdido,  
este mar ôco de certezas mortas? -  
Fingidas, afinal, todas as pontas  
que no dique julguei ter construído...

- Barcassas to meus impetos ligados,  
que oceano vos dormiram de segredo?  
Partiste-vos, transportes encantados,  
de eubate, em alua ao rôxo, a que jochedo?

- O' nau de festa, o' ruiva de aventura,  
bude, em Champante, a minha ansia ia,  
Quebraste-vos também ou, porventura,  
Fundaste a bôro em portos d'alquimia?

.....  
.....  
Chegaram á baía os galeões  
Com as sete Princesas que morreram.

Regatas de luar não se correram...  
As bandeiras velaram-se 7 orações...

Detive-me na ponte, debruçado,  
Mas a ponte era falsa - e derradeira.  
Segui no cais. O cais era abaulado,  
Cais fingido sem mar à sua leira...

Por sobre o que eu não zorra grandes pontes  
Que um outro, só metade, quer passar  
Em miragens de falsos horizontes -  
Um outro que eu não posso acoratar...

Barcelona - Setembro 1914.



15.

- Antto. -

Caprichos de Lilax, febres esguias,  
Enlevos de Opio — Iris-abandono...  
Paudades de luar, Timbre de Outono,  
Cristal de essências languas, fugidias...

O págeu de lil das ternuras de setins,  
O friorento das caricias magoadas;  
O principe das Ilhas transtornadas —  
Senhor feudal das Flores de marfim...

Lisboa 1915 — Janeiro 14.

16.

- A Inequaldade. -

Ai, como eu te queria toda de violetas  
& flebil de setim...  
Teus dedos, longos de marfim,  
Que os sombreassem jóias pretas...

É tão febril e delicada  
Que não podesses dar um passo —  
Bonhando estrelas, transtornada,  
Com estampas de cor no regaço...

Queria-te nua e friorenta,  
Aconchegando-te em xibelinas —  
Sonolenta,  
Ruiva de éteres e morfina...

Ah! que as tuas nostalgias fossem guiso de prata —  
Teus frenesis, lautejoulas;  
& os ócios em que estíolas,  
Quar que se desbarata...

.....  
.....  
Teus beijos, queria-os de tudo,  
Transparecendo o carminho —  
Os teus espasmos de seda...

— Água fria e clara numa noite azul,  
Água, devia ser o teu amor por mim...

Lisboa 1915 — Fevereiro 16.

17.

- Elegia. -

Minha presença de deus,  
Toda bordada a cor-de-rosa,  
Que foste sempre um adeus em mim  
Por uma tarde silenciosa...

Os dedos longos que toquei,  
elas e os toquei, desapareceram...  
As minhas bôças que esperei  
E nunca mais se me estenderam...

Meus Boulevards de Europa e Paris  
Onde fui só um espectador...  
- Que são fasso, o meu amor;  
Que pedra de ouro, os meus desejos...

As mãos pendidas de amuradas  
No meu anseio a vaguear...  
Em mim findou todo o luar  
Da lua dum conto de fadas.

Eu fui aquele que se enganou  
E achou mais belo ter errado.  
- Mantenho o bôus mascarado  
Aonde me saquei Pierrot.

Minhas histórias de cristal,  
Meus do'leis arrependimentos,  
São hoje os velhos paramentos  
Duma pesada catedral.

Bótes enteros de carmin  
Que reservara pra alguendia!  
A soutra d'ira fugidia  
Nunca se abeirará de mim...

Ô minhas cartas nunca escritas -  
E o meus retratos que rasquei...  
As orações que não rezi,  
Madriças falsas, flôres e fitas...

Ô «petit bleu» que não chegou...  
As horas vagas do jardim...  
O anel de leijs e marfim  
Que os seus dedos nunca anelou...

Convalescença afectuosa  
Meu hospital branco de paz...  
A dor magoada e duvidosa  
Num outro tempo mais lilaz...

Um braço que nos acalenta...  
Livros de cor a' calhoca...  
Minha ternura fiorentina -  
Ter amas pela vida inteira...

O grande hotel universal  
Dos meus Penétiros eugãos  
Com aguçamentos centrais,  
Errores, cocottes, triganos...

O meus cafés de grande-vida  
Com dançarinas multi-colores...  
- Ai, não são mais as minhas dotes,  
Que a sua dança interrompida...

Lisboa - Março de 1915



18.

## - Escala -

Oh! regressar a mim profundamente  
É ser o que já fui no meu delírio...  
- Vá, que se abra de novo o grande livro,  
Também miósetis em cristal e Oriente!

Cinja-me de novo a grande esperança,  
É de novo me timbre a grande Lua!  
Cia! que empunhe como outrora a lança  
É a espada de Astros - ilusória e nua!

Compa a fanfarrina atrás do funeral!  
Que se abra o póco de marfim e jade!  
- Vamos! é tempo de partir a grade!  
Corra o palácio inteiro o vendral!

Nem portas nem janelas, como dantes:  
A chuva, o vento, o sol - e eu, A Estátua!  
Que me nimbem de novo a aureola fatua -  
Tirano meioral d' Oros distantes.

É o Príncipe ponaubulo do Sul,  
O Doge de Venezas escondidas,  
O chapeiro das Torres polidas,  
O mítico Raja' de Indias de tules —

Me erga imperial, em pasmo e arrogancia,  
Toldado de luar — sentil de arfejos:  
Imaginário de carmin e beijos,  
Pierrot de fogo a cabriolar Distancia.

Num entardecer a esfinges d'Ouro e mágoas  
Que se prolongue o País de me slismar —  
Que ressurgja o terraco à beira-mar  
De me iludir em País de Pérsias d'agua.

É tempo ainda de realçar-me a espelhos,  
Travar misterio, influir Destaque.  
Vámo! por terra os repateiros velhos —  
Novos brocados para o novo ataque!

Torne-se a abrir o Harem em festival,  
(Harem de gaze — e as odaliscas, seda)...  
Que se embandeire em mim o Arraiaf,  
Haja bailes de Ilim pela adamêda!!!

Profem tambores, colou-se os cantores —  
fize a tambora, o carousel começou!  
Vou de novo lançar-me na hormese:  
— Pastimbancos, que a feira toda arrases!

Ph-lá! mistura os tons com os perfumes,  
Disparata de cor, quincba de luz!  
Amontôa no palco os corpos nus,  
Tudo alvorôça em malabares de lumes!

Recama-te de Ance e pestempers,  
Teu coragem — em mira o grande saeto!  
Ascende! Tomba! Que te importa? Faeto  
Eu, acaso?... — Animo! Lá te espero.

Que nada mais te importe, Ah! pegue em frente  
O meu Mei-lua o teu destino dubio:  
E se o timbre, se o viro, o efluvio,  
D arco, a xona — o Sinal de Oriente!

Paris - julho de 1915

19. = Sête Canções de Declínio. =

1.

Um vago tou de opala debelow  
Prolixo fuverais de luto d'Astro -  
E pelo espaço, a Diro se enfolow  
O estandarte rial - livre, seu mastro.

Fantastica bandeira sem suporte,  
Incerta, neventa, recamada -  
A desdolar-se como a minha sorte  
Predita por ciganos numa estrada ...

2.

Atapetemos a vida  
Contra nós e contra o mundo.  
- Desçamos pãno de fundo  
A cada hora vivida.

Desfiles, danças - embora  
dele sejam uma ilusão,  
- Cenários de mutação!  
Pela minha vida fora.

Quero ser Eu plenamente!  
Eu, o possesso do Pasmo.  
- Todo o meu entusiasmo,  
Ah! que seja o meu Oriente!

É grande dorido, o varrido,  
É perulário do Instante -  
É amante sem amante,  
Bra amado ora traído...

Lançar as barcas ao Mar -  
De nevoa, em rumo de incerto...  
- Pra mim o longe é mais perto  
Do que o presente lugar.

... É as minhas unhas polidas -  
Ideia de olhos pintados...  
Meus sentidos magnitados  
A tintas desconhecidas...

Misterio duma incerteza  
Que nunca se ha de fixar...  
Pouhador em frente ao mar  
Duma olhada da riqueza...

- Num programa de teatro  
Sucedá-se a minha vida:  
Esceda de tiro desceida  
Aos pinotes, quatro a quatro !...

3.

- Embora num funeral  
desfaltemos as bandeiras:  
Só as Côas são verdadeiras -  
Siga sempre o festival!

Kermesse - eia! - e ruído!  
Louça quebrada! Tropel!  
(De frente do carnaval,  
Eu, em ternura esquecido...).

Fitas de cõr, vorearia -  
Os automóveis reflectos:  
Seus chauffeurs - os meus affectos  
Com libris de fantasia!

Ser bom... gostaria tanto  
de o ser... Mas como? Afinal  
só se me fizesse mal  
Eu finiria esse encanto.

- Afetos?... Dirigações...  
Amigo dos meus amigos...  
Amizades são castigos,  
Não me embarço em prisões!

Fiz cães os meus criados,  
Com muita pena - decente.  
Mas quero o Salão aberto,  
E os meus braços repousados.

4.

As grandes Horas! - vivê-las,  
Apreço mesmo dum crime!  
Só a beleza redime -  
Sacrifícios são novelas.

«faltar o pão do seu dia  
Com o suor do seu rosto»,...  
— Mas não há maior desgosto  
queim há maior vitania!

É quem pôr Grande não venha  
dizer-me que passa fome:  
Nada há que se não domo  
Quando a Estrela pôr tamanha!

Nem receio nem temores,  
nem que sofra por nós  
Quem nos faz bem. Esses deus  
Impõem os inferiores.

Os Grandes, partam — domineis  
Sua sorte em suas mãos:  
— Soldados, mutes, vãos,  
Que o seu destino imaginem!

Nada nos pode detor:  
O nosso ~~caminho~~ e o Astro!  
Luto — embora! — o nosso castro,  
Se pra nós Deo há de ser!...

5.

Vaga lenda facetada  
A imprevisto e miragens -  
Um grande livro de imagens,  
Uma toalha bordada...

Um baile russo a mil cores,  
Um Domingo de Paris -  
Cofre de Imperatriz  
Roubado por malfeitores...

Antiga quinta deserta  
Em que os donos faleceram -  
Porta de cristal aberta  
Pô bre sonhos que esqueceram...

Um lago a' luz do luar  
Com um barquinho de corda...  
Saudade que não recorda -  
Bola de tennis no ar...

Um seque que se rasgou -  
Anel perdido no parque -  
Lenço que acenou no embarque  
D'Aquela que não voltou...

Praia de Banhos do Sul  
Com meninos a brincar  
Descalços, à beira-mar,  
Em tardes de céu azul...

Viagem circunetoria  
Num expresso de Wagens-Leitos -  
Balão aceso - defeitos  
De instalação provisória...

Palace cosmopolita  
De rastagnouères e cocôtes -  
Audaciosos decôtes  
Duma francesa bonita...

Confusão de music-hall,  
Applausos e bou-<sup>hu</sup>-bá -  
Interminável sofa'  
Dum estofó profundo e mole...

Pinturas a "ripolin" ,  
Anúncios pelos telhados -  
E barulho dos teclados  
Das Linotyp' do «latim» ...

Manchette de sensação  
Transmitida a todo o mundo -  
Famoso artigo de fundo  
Que acende uma revolução ...

Um sobrescrito lacrado  
Que transviou no correio,  
E no chega rufo - cheio  
De carimbos, dado a lado ...

Sobre ponte a cidade  
De intranquila capital -  
A humidade outonal  
Em uma manhã de neblina ...

Uma bebida gelada -  
Presentes todos os dias ...  
Champagne em taças esquias  
Ou água oco sul entornada ...

Uma gaveta secreta  
Com segredos de adúlteros...  
Porta falsa de mistérios —  
Toda uma estante repleta:

Beji enfim a minha vida  
Parada de ócio e Lua:  
Vida de Café e rua,  
Dolorosa, suspensa —

Ah! mas de enlevo tão grande  
Que outra nem souho ou provejo...  
— A eterna mágoa dum beijo,  
Essa mesma, ela me expande...

6.

Um frenesi líquido arripion  
Pra sempre a minha carne e a minha vida.  
Fui um barco de vela que parou  
Eu subito baía adormecida...

Bacia embafeirada de miragens,  
Documento de ópio, de cristal e anil,  
Era ideia dum país de gaze e Abrif,  
Em duvidosa e tremulante imagem...

Parou ali a barca - e, ou fosse eucanto,  
Ou preguiça, ou delirio, ou esquecimento,  
Ela mais apertou... - ou fosse o vento  
Propicio que factasse: ágil e vulto...

...Frente ao porto esboçara-se a cidade,  
Descendo enlanguescida e preciosa;  
As cupulas do<sup>u</sup> sombra cor de rosa,  
As torres de platina e de vaidade.

Avenidas de t'oda deslisando,  
Praças d'honra libertas sobre o mar -  
Jardins onde as flores fossem luar;  
Lagos - caricias de aubar flutuando...

Os palacios a rendas e escumalha,  
Se filigrana e cinza as Catedrais -  
Pôlve a cidade, a luz - esquivada poeira  
Fingendo-se através longos vitrais...

Vitais de sonho a delírio - e a sua volta,  
A isola-la em lenda marejada:  
Uma vénora de capricho - solta,  
Instável, delíria, pressentida, alada!!!

Exílio branco - a sua atmosfera,  
Murmúrios de apitos - se trouxerá...  
E na Praça mais larga, em frágil cera,  
Eu - a estatua «que nunca tocará»!!!

7.

Meu alvoroço d'ouro e lua  
Tinha por fim que transbordar...  
- Caía-me a alma ao meio da rua,  
E não a posso ir apanhar!

Paris - julho e agosto 1915.



20.

- Abrigo. -

Paris da minha ternura  
bride estava a minha obra -  
Minha Lua e minha Coltra,  
Triunfo da minha aventura.

Ó meu Paris, meu menino,  
Meu inesferef brinquedo...  
- Paris do lindo segredo  
Aureente no meu destino.

Pegaço do uauorada,  
Meu enleio apeteçido -  
Meu vinho d'ouro cubido  
Por taça logo quebrada...

Minha febre e minha calma -  
Pontô sobre o meu revez:  
Consolo da nuvez  
Sempre ~~de~~ oiva da miub'Alug...

6' fita beuta do cõr,  
Compressa das minhas feridas ...  
- 6' minhas unhas polidas,  
- Meu cristal de tocador ...

Meu eterno dia de aũos,  
Minha festa de veludo ...  
Paris: derradeiro escudo,  
Silencio dos meus euganos .

Milagroso carrousel  
Em feira de fantasia -  
Meu orgão de Barbaria,  
Meu teatro de papel ...

Minha cidade-figura,  
Minha cidade com rosto ...  
- Ah, meu acerado gosto,  
Minha fruta mal madura ...

Mancenilha e beu-me-quer,  
Paris - meu lobo e amigo ...  
- Quisera dormir contigo,  
Per todo a tua mulher ...

Paris - Setembro 1915

21.

— Cinco Horas —

Minha mesa no Café,  
Quero-te tanto... A garrida  
Toda de pedra burnida  
Que linda e que fresca é'!

Um lírio verde no meio  
E ao seu lado, a fosforina  
Diante ao meu copo cheio  
De uma bebida ligeira.

(Da Líria sempre os lícores  
Que acho pouco ornamentais:  
Os xaropes têm cores  
Mas vivas e mais britais).

Sobre ela posso escrever  
Os meus versos prateados,  
Com estrofeira dos criados,  
Que me ilham seu peralar...

Pôbre ela descanso os braços  
N'uma atitude alheada,  
Buscando pelo ar os traços  
Da minha vida passada.

Eu acendendo cigarros,  
- Pois há um ano que fumo -  
Imaginário presumo  
Os meus sonhos lizarros.

(É de acaso em minha frente  
Uma linda mulher bonita,  
O fumo da cigarrilha  
Vai beijá-la, claramente...).

Um novo freguez que entra  
É novo actor no tablado,  
Que o meu olhar fatigado  
N'ele outro sonho concentra.

É o carmin daquela boca  
Que ao fundo desembro, triste,  
Na minha ideia persiste  
E nunca mais se desloca.

Cinge tão fútilidade  
A minhas recordações,  
E destes vislumbres são  
As minhas maiores saudades...

(Que história d'biro tão bela  
Na minha vida abortou:  
Eu fui herói de novela  
Que autor nenhum empregou...)

Nos Cafés espero a vida  
Que nunca vem ter campo:  
- Não me faz nenhum castigo,  
Que o tempo passa em cornida.

Passar tempo é o meu fim,  
Ideal que só me resta:  
Pra mim não há melhor festa,  
Que mais nada acho bonito.

- Cafés da minha perquiza,  
Por hoje - que galardão!  
Todo o meu campo de acção  
É toda a minha cubiza.

Paris - Setembro 1915;

22.

- Ferradura -

A minha vida sentou-se  
E não ha quem a levante,  
Que desde o Poente ao Levante  
A minha vida fustou-se.

E ei-la, a mãoa, lá está,  
Estendida, a perna trçada,  
E'o infundavel sofa'  
Da minha Alma estofada.

Pois o' assim: a miuh' Alma  
butrora a souhar de Russias,  
Espapassou-se de calça,  
E hoje souha so' pelucias.

Vais aos Cafés, pede um boc,  
Re'o "Matin" de Castiço,  
E não ha nenhum reme que  
Que a regresso ao Dito antigo!

Dentro de mim é um fardo  
que não pesa, mas que magoa:  
O humilde dum moço ardo,  
ou comichão que não passa.

Folhetim da "Capital"  
Pelo nosso Julio Dantas -  
ou qualquer coisa entre tantas  
duma antipatia igual...

O raio já bebe vinho,  
Crisa que nunca faria,  
O fumo o seu cigarrinho  
Ou quem, buruêraia!...

Qualquer dia, pela certa,  
Quando eu mal me preate,  
É o apax dum disparate,  
Se encontra uma porte aberta...

Ísto assim não pode ser...  
mas como achar um remédio?  
- Pra acabar este intermédio  
Reembre-me de endoidecer:

O que era fácil - partindo  
As mãos do meu hotel,  
Ou para a rua saúdo  
De barrêto de papel

Agitar a ira d'Alemanha,,,  
Mas a mihi' Alem, em verdade,  
Não merece tão façanha,  
Tal prova de lealdade.

Mi deixou - eu - decidido -  
Esto lavabo dum Café,  
Como um anel esquecido.  
É um fim mais raffiné.

Paris - setembro 1915.



23.

- O Lord -

Lord que eu fui de Brésílias doutra vida,  
Hoje arrasta por esta a sua decadência,  
Seu brilho e equipagens.

Milord dedicado a viver de imagens,  
Para as montas de jóias de opulência  
e um desejo cruuzo - em diávida iludida, ...

- Por isso a minha paixão local contida,  
- Por isso a minha eterna <sup>impaciência</sup> ~~impaciência~~

Olha as Praças, rodeia-as ...

Quem sabe se é lá outra,

Toda Praças, como esta, a palácios e colunas -

Longas terras, quitas e heias,

Hiatos pelo mar fôra,

Montanhas e lago, florestas e dunas...

- Por isso a sensação em mim fucada a batanta

Um grande patrioísmo agulhas haver perdido;

Por isso o meu desejo actual de luxo desmodico -

É a Cor na minha obra o que restou do encanto.

Paris - Setembro 1915.

24.

- O Recreio -

Nã minha' Alma ba um balouço  
Que está sempre a balouçar —  
Balouço d' heira dum pço,  
Bem officie de montar ...

- É um menino de libe  
Sobre êle sempre a brincar ...

Se a corda se parte um dia,  
(E já vai estando esgarçada),  
Era uma vez a folia;  
Morre a criança afogada...

- Ca' por mim não mudo a corda  
Seria grande estopada...

Se o indêz morre, deixa-lo...  
Mais vale morrer de libe  
Que de caraca... Deixa-lo  
Balouçar-se enquanto vive...

- Mudar a corda era fácil...  
Tãe ideia nunca tive...

Paris - outubro 1915

25.

- Torniquete -

A tambores anda depressa,  
Vem sei quando irá parar -  
Aonde, pouco me importa;  
É importante é que pare...  
- A miúba não está  
de ser sempre a mesma porta  
Eternamente a abanar...

Abriu-se agora o salão  
Onde há gente a conversar,  
Entre sem hesitação -  
Sómente o que se vai dar?  
A meio da reunião,  
Pela certa disparato,  
Volvo a mim a todo o páno:  
As caniballistas desato,  
É saeto sobre o piano...  
- Vai ser bonita a função!  
Esfangulho as partituras,  
Quebro toda a caqueirada,  
Arreliento a gargalhada,  
E fujo pelo saiguão...

Meses depois, as gaxetas  
Darão críticas completas,  
Indecentes e patetas,  
Da minha ultima obra...  
É eu - pra' cima outra vez,  
Cortando febre e fever,  
Tocado as Estrelas e Obras...

Paris - novembro 1915.

26.

= Pied-de-mer =

Da'anda a minha dor ás caubalhotas  
No salão de vermelho atepetado -  
Meu setim de ternura engordurado,  
Aendas da minha ansia todas rötas...

Ó Erro sempre a rir-me em destralbelho -  
Falso mysterio, mas que não se a brange...  
De antigo armario que a goirente range,  
Minh'alma actual o esverdinhado espelho...

Chóra em mim um polhaço ás piruetas;  
Ó meu castelo em Espanha, ei-lo recuido -  
E, entretanto, foram de violetas,

Deram-me beijos sem os ter pedido...  
Mas como sempre, ao fim - bandeiras pretas,  
Tambolos facas, carrousel partido...

Paris - novembro 1915.

27

## - O Pagem -

Sórinho de brancura, eu vago - A sa  
de rendas que entre cordos só flutua ...  
- Triste de mim, que vim de Alena pra' sua,  
E nunca a poderei deixar em casa ...

Paris - Novembro 1915.

28

## - Campainhada -

As duas ou três vezes que me abriam  
A porta do salão onde está gente,  
Eu entrei, triste de mim, contente -  
E a entrada sempre me sorriram ...

Paris - Outubro 1915.

## - Ípice -

O raio de sol da tarde  
 Que uma janela perdida  
 Reflectiu  
 Num instante indiferente -  
 Arde,  
 Numas lembranças esvaídas,  
 A minha memória de bojo  
 Subitamente...

Seu efêmero arrepiço  
 Lig-raquear, ondula, foge,  
 Pela minha retentiva...  
 - E não posso adivinhar  
 Porque misterioso se me evoca  
 Esta ideia fugitiva,  
 Tão débil que mal me toca!...

- Ah, não sei porquê, mas certamente  
 Aquêlles raios cadentes  
 Alguma coisa foi na minha sorte  
 Que a sua projecção atravessou...

Tanto segredo no destino duma vida...

É como a ideia de morte,  
Preconcebida,  
Que sempre me acompanhou...

Paris - Agosto 1915.

## - Desquite -

Dispam-me o bivo e o Luar,  
 Prasquem as minhas togas de astros -  
 Quebrem os onix e alabastrós  
 Do meu não me querer igualar.

Que faço só na grande Praça  
 Que o meu orgulho rodeou -  
 Estátua, ascensão do que não sou,  
 Perfil prolixo de que ameaça?!

... E o sol ... ah, o sol do ocaso,  
 Perturbações de fôcos e Júpiter -  
 A solidão dum ermitério  
 e a impaciência dum atraso ...

O cavaleiro que partiu,  
 E não voltou nem deu notícias -  
 Tão belas foram as promícias,  
 Depois só deuto o anel cingiu!...

A grande festa anunciada  
A galas e elusos principescos,  
Apenas foi executada  
A quinchos e esgares romiescos...

Aucia de Posa e braços nus,  
Fimora de sulcios ou de enfos...  
- Que desbaratos os meus vãos;  
Ai, que espantalho a minha cruz ...

Paris - julho/1915.

31.

## - Caraquejola -

- Ah, que me metam entre cobertores,  
e não me façam mais nada...  
Que a porta do meu quarto fique para sempre fechada,  
que não se abra mesmo para ti se tu lá fôres.

Lá vermelha, láito fôfo. Tudo bem casafetado...  
Nenhum livro, nenhum livro a' cabeceira -  
Façam apenas com que eu tenha sempre a meu lado,  
Bolos de ovos e uma garrafa de Madeira.

Não, não estou para mais - não quero mesmo  
brinquedos.

■ Pra quê? Até se um dessem não saberá brincar...  
- que querem fazer de mim com estes subeio e medo?  
Não fui feito pra festas. Caraquejola-me! Deixem  
me sossegar...

Adote sempre pelo meu quarto. As cortinas corridas,  
e eu amuchado a dormir, bem quietinho - que amor...  
Só: ficar sempre na cama, nunca mexer, criar labor -  
Pelo menos era o sossego completo... História! era a  
melhor das vidas...

Se me boem os pés e não sei andar direito  
Pra que hei de sair em ir para as salas, de Lord?  
- Vamos, que a minha vida por uma vez acorde  
Com o meu corpo - e se resigne a não ter jeito...

Se que me vale sair, se me constipos logo?  
É quem posso eu esperar, com a minha delicadeza?...  
Sêfa-te de ilusões, Mario. Bom é de dor, bom fogo -  
E não penses no resto. É já bastante, em franqueta...

Desistamos. A nenhuma parte a minha curia me levará  
Pra que hei de eutão andar aos toubos, numa inútil corronia?  
Tenham dó de mim. Co'a breca! Levem-me pra enfermaria -  
Isto é: pra um quarto particular que o meu Pai pagará.

Quarto. Um quarto de hospital - higiénico, todo branco, moderno e tranqúilo;  
Em Paris, é preferível - por causa da legenda...  
Daqui a vinte anos a minha literatura talvez se entenda -  
E depois estar malquinho em Paris, fica bem, tem certo estêilo...

- Quanto a ti, meu amor, podes vir às quintas-feiras,  
Se quiseres ser gentil, perguntar como eu estou.  
Agora no meu quarto é que tu não entras, mesmo com as melhores maneiras;  
Cada a fazer, minha rica. O menino dorme. Tudo o mais acalor.

Paris - novembro 1915

32.

## - Último soneto -

Que rosas fugitivas foste ali:  
Requeriam-te os tapetes - e neste ...  
- Se me doi hoje o bem que me fizeste,  
É justo, porque muito te deví.

Eu que te dei de afagos me enveni  
Quando entraste, nas tardes que apareste -  
Como fui de percal quando me deste  
Tua boca a beijar, que remordi ...

Pensei que fôsse o meu o teu cansaço -  
Que seria entre nós um longo abraço  
E te'ois que, tão esbelta, te curvava ...

É fugiste ... Que importa? Se deixaste  
A lembrança volata que amamente,  
bude a minha saudade a lôr se trava? ...

Paris - Dezembro 1915

Judicis de tiro

(1º caderno)

(1913-1915)

Sumário

Meni de Pol. Carreira



- Sumário -

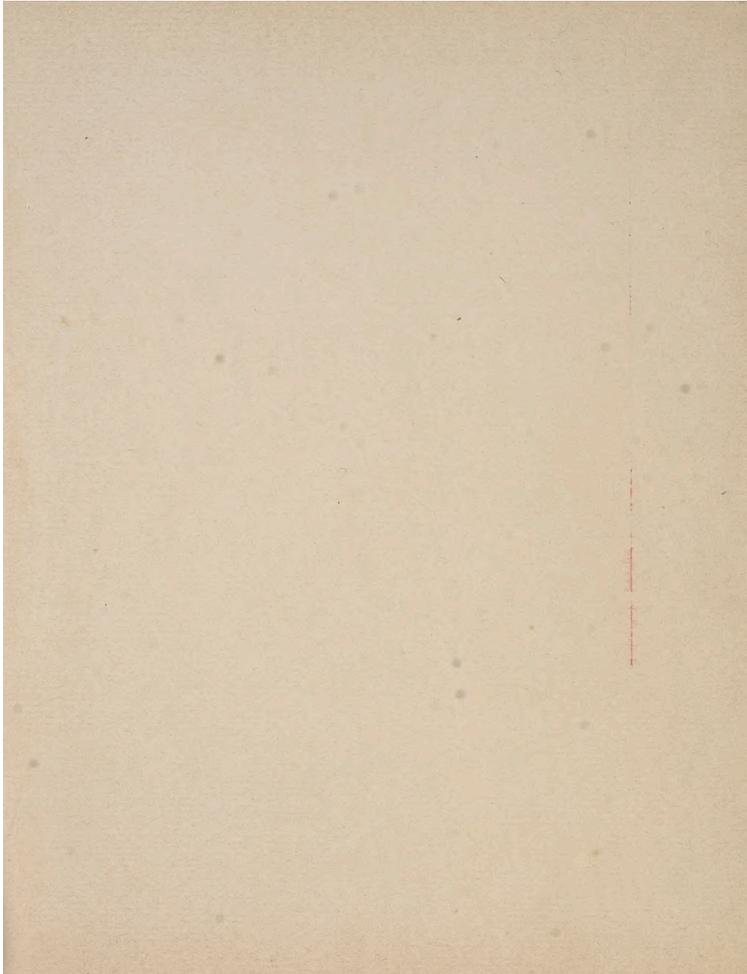
- 1 - Nossa Senhora de Paris.
- 2 - Salomé.
- 3 - Não.
- 4 - Certa vez na noite, quicadamente...
- 5 - 7.
- 6 - 15.
- 7 - Apoteose.
- 8 - Distant e melodia.
- 9 - Sugestão.
- 10 - Taciturno.
- 11 - O Pesgate.
- 12 - Vislumbre.
- 13 - Bárbaro.
- 14 - Angulo.
- 15 - Amto.
- 16 - A Inequivalência.
- 17 - Elegia.
- 18 - ~~Atmosfera~~ Escala.
- 19 - Sete Canções do Declínio.
- 20 - Abrigo.

- |    |                |
|----|----------------|
| 21 | Cinco Horas.   |
| 22 | Serradura.     |
| 23 | o Lord.        |
| 24 | o Recreio.     |
| 25 | Torniquete.    |
| 26 | Pied-de-nez.   |
| 27 | o Pageu.       |
| 28 | Campainhada.   |
| 29 | Apice.         |
| 30 | desquite.      |
| 31 | Caraquejola.   |
| 32 | Ultimo Tometo. |

*min*

(Paris, 3o de Junho 1915).





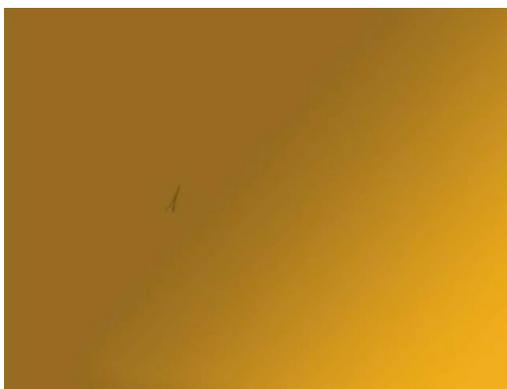




---

## MEMORIALE

## A MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO



**(video non disponibile nella versione.pdf)**

- <sup>1</sup> Tornando acessíveis publicações modernas fundamentais, e tornadas raras, de revista de cultura portuguesa, acrescente-se ao acervo precioso indicado na Premessa Bibliografica (p. 11-4) a edição fac-similada dos cinco números saídos da *Athena*, pela Contexto, Lisboa, 1983, e, ultimamente, dos dois volumes da 1ª série e dos dois números saídos na 2ª série (acompanhados de Índices Remissivos e de um contributo bibliográfico, «Para Uma Bibliografia Crítica da *presença*»), da *presença* 3 volumes, também pela Contexto, Lisboa, 1992-1993).
- <sup>2</sup> Opção perfeitamente defensável dado o objectivo da edição: o estudo lexicográfico do Modernismo português. Para uma edição completa da Obra Poética de Mário de Sá-Carneiro cremos, *hoje*, como justa a inclusão da sua juvenília, reveladora de estados muito precoces de criação e de modelos estruturais utilizados com a-propósito. Aliás, Fernanda Toriello adoptou tal inclusão de textos juvenis na ficção, editando, em concomitância de data com François Castex, mas desconhecendo um e outro tal coincidência, o conto (ou pequeno texto novelístico?) *João Jacinto* (dos dezoito anos de Mário de Sá-Carneiro) e que exaustivamente estudou – ver o seu *La Ricerca Infinita, omaggio a Mário de Sá-Carneiro*, Bari, 1987.
- <sup>3</sup> O que fizemos, por exemplo, para «Fim» – título atribuído por Fernando Pessoa – e que apresenta no original (Esp. Pes., B. Nac., E/115-7-13a) uma notável diferença em relação à tradição que corre desde a *Athena*. Ver F. Toriello, p. 109 e Ap., p. 216.